

ALBERTO SOUTO

Director do Museu Nacional de Aveiro
Da Associação dos Arqueólogos Portugueses
do Instituto de Coimbra

A Estação Arqueologica de Cacia

I

Primeiras palavras * Primeiras impressões

bibRIA



Composto e Impresso na «Imprensa Universal»
Aveiro — 1930

19079

REGISTO N.º 5316



ALBERTO SOUTO

Director do Museu Nacional de Aveiro
Da Associação dos Arqueólogos Portugueses
do Instituto de Coimbra



A Estação Arqueologica de Cacia

I

Primeiras palavras * Primeiras impressões
bibRIA



Composto e Impresso na «Imprensa Universal»
Aveiro 1930

A Escola Arqueológica de Lisboa

I

bibRIA



Publicações do Autor



A ESTACAO ARQUEOLOGICA DE CACIA

biblioteca

A publicação
HELVETIORUM LIBRI IN PRAEFATIO IN ROSTRO CAROLUS
NOTA IN CACIA

Publicações do Auctor

QUEM SÃO OS PROLETARIOS, SUA VIDA E ASPIRAÇÕES
— (1909).

AS PESCARIAS DA TERRA NOVA NA ECONOMIA PORTUGUÊSA — (1913).

SOBRE AS FESTAS DA PAZ E DA VICTORIA — (1918).

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO SEGURO — (1919).

A EDUCAÇÃO DE SPARTA — (1920).

DA INSTRUÇÃO CONTRADITÓRIA NOS FEITOS CRIMES
— (1920).

ESCUDELAS DAS FRAGAS (Marmitas eolianas na Serra da Estrela) — (1923).

ORIGENS DA RIA DE AVEIRO (estudo geológico, geográfico e arqueológico) — (1924).

JOAQUIM DE MELO FREITAS — (1924).

O MUSEU DE AVEIRO (Noticia sumarissima) — (1926).

ETNOGRAFIA DA REGIÃO DO VOUGA — (1928).

A HISTÓRIA, O DRAMA E A GRAÇA DA ÁGUA — (1930).

A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE CACIA — I — (1930).

A publicar :

HELVETIORUM FIDEI AC VIRTUTI ! (o exemplo suíço).
NOITE DE SABAT.

A Estação Arqueologica de Cacia

I

Cacia, estação arqueologica, não é invenção minha como alguns incredulos a principio julgaram, nem, tão pouco, minha repentina descoberta, como o lacinismo de algumas noticias da imprensa faz supôr.

Nas *Origens da Ria de Aveiro* publicadas em 1923, estudando o aspecto arqueologico do problema, dizia eu:

«De Cacia, refere-nos o Arqueologo Português, varios achados de ancoras e correntes soterradas, de ruinas de uma velha torre, tradições de navios do mar que por ali abordaram, como investigou Gaspar Barreiros» e vaticinava:

«Tenho fé que hão-de descobrir-se mais tarde documentos arqueologicos que iluminem a historia desta laguna, á volta da qual — espelho da vida primitiva da humanidade! — as populações se sentaram em anfiteatro, como as rãs á borda do charco, no pitoresco dizer do velho classico.»

«Emquanto tal não succede, temos de nos limitar a um rebusco de pobres na escassa demonstração já publicada, á qual, infelizmente, nada posso acrescentar.»

Numerosos são os auctores que falaram de Cacia, entre eles o sr. Marques Gomes, que seguindo Gaspar Barreiros, opinou ter sido ali a velha *Talabriga*.

Após a publicação do ensaio mencionado, repetidas visitas fiz eu ao sitio da igreja de Cacia, mas de balde procurei alguma pedra que, numa inscrição ou no seu aparelho, revelasse qualquer curiosidade arqueologica, e nem nos seus arredores vi o quer que fosse digno de menção e reparo.

As ruínas da residencia parochial e o cemiterio nada de extraordinario ofereciam á vista. Numerosos cacos que encontrei, eram de epoca recente. Admiti que a velha *torre* do nosso corografo do seculo de quinhentos, fôra uma torre medieval e que desaparecera sob os fundamentos da matriz de S. Julião e que esta igreja, como as de Requeixo, S. João de Loure, Eixo, Esgueira, Aveiro, Arada, Ilhavo, Vagos e Souza, marcava a nitida tendencia dos povos ribeirinhos para a vida fluvial, maritima e lagunar, fundando os seus aglomerados nas margens do estuario de que posteriormente um pouco se afastaram evitando os miasmas consequentes ás obstruções da barra.

Os anos decorreram sem que a misteriosa *Torre* de Cacia me passasse da mente, e veio a succeder que, em documentos varios que me passaram pelas mãos, comecei encontrando referencias a um «*Campo da Matança*» junto ao rio Vouga e no termo de Cacia.

Fez-me impressão esse toponimo e inquiri de varias pessoas ilustradas do logar a sua razão e origem, sem que ninguem m'o explicasse, justificando-o apenas por uma grande antiguidade que afinal nada explicava.

A ideia de um campo de batalha ou de um sitio

de hecatombe, começou a nascer no meu espirito, como unica justificativa, provindo de remotos tempos, possivelmente proto-historicos, de se chamar a um campo das aluviões do Vouga, nas proximidades da sua foz e do seu estuario primitivos — o *Campo da Matança*.

O facto de ser a antiga vila de *Matança*, do concelho de Fornos de Algodres, como documenta o *Arqueologo*, uma estação arqueologica dos tempos romanos, mais me convenceu de que o *Campo* de Cacia devia ter relação com as ruinas da *Torre* mencionada por Gaspar Barreiros.

Em 1929 o sr. Sebastião de Magalhães Lima, meu antigo condiscipulo e amigo, explorava em Cacia uma pedreira donde tirava calhau rolado para as obras das estradas e uma vez appareceu-me com um caco ornamentado e um *pondus* que me causaram immediata impressão.

Recomendei-lhe cuidado e vigilancia para podermos determinar a epoca e origem a que remontaria o achado, mas nada mais tornei a saber senão que outros objectos antigos dali se iam retirando.

Decidi-me uma tarde, na companhia dos meus amigos srs. Antonio Marques da Costa, estudante de medecina, e José Miranda, proprietario em Sarrazola, a visitar o local das saibreiras e pedreiras e a inspecionar o tal, para mim misterioso, *Campo da Matança*.

José Miranda pelo caminho ia-me perguntando pelos *Celtas* e referindo a tradição local de que a igreja, isolada da freguezia, lá para as bandas quasi desabitadas do *rio dôce*, estava sobre umas ruinas romanas, mas eu, incredulo por nada lá ter visto que o revelasse, sorria-me dizendo-lhe que os romanos e os moiros apadrinhavam, afinal, todas as antiquilhas

que neste territorio portuguez os tempos pre-historicos, a idade media e o dobar de alguns seculos dos tempos modernos nos legaram pelos montes da região serrana e pelos outeiros do litoral.

Dáí a pouco aqueles amigos guiavam-me para a pequena elevação razada que se vê a poente da igreja de S. Julião, cujo campanario modernissimo alveja entre os salgueirais da pateira a quem a olha do caminho de ferro, e recordei-me então, de que uma vez quiz transpôr aquele caminho baixo e pedregoso, mas que a cheia do inverno m'o não consentira.

Alguns passos dados e deparou-se-me um montão de pedras de granito que logo constatei serem de velhas construções e absolutamente estranhas á geologia local, que só fornece quartzo, em calhaus rolados do cretácico, ou talvez do terciario, aparecendo o chisto do paleozoico e o grés vermelho do triassico na margem direita do rio ou a grande distancia dali.

Subindo a pequena encosta, reparei em restos de tejaria de vetusto aspecto e, logo após, as *tegulae*, *imbrices* e cacia varia de fisionomia romana, com pedaços de mós manuaris, começaram a surgir-me debaixo dos pés.

José Miranda tinha alguma razão. Se a antiguidade romana das ruinas do local da igreja de Cacia não ficava provada, ela era já muito verosimil, mas o que desta feita ficava demonstrada e por uma forma incontroversa, era a idade romana do cabeço fronteiro e proximo, que constituía uma estação arqueologica luso-romana até aí não identificada, embora indicada, nas margens do baixo Vouga.

Os restos de olaria esparsos no terreno não admitiam duvidas. A civilização romana passara por ali e por ali deixára vestigios indeleveis.

Na historia da região do Vouga acabava de abrir-se, a meus olhos, um capitulo novo que de repente vinha acordar em mim um sem numero de problemas e me fazia encarar outros por forma bem diversa daquela por que, até aqui, a erudição os encarára e resolvera.

* * *

Poderia tratar-se de uma simples *vila*.

A prudencia sugeriu-me esta lembrança e a an-ciedade recrudescceu, só a podendo imaginar quem algum dia tentou pesquisas desta ordem, num campo tão safaro como tem sido este da margem esquerda do baixo Vouga em achados arqueologicos.

Examinando o corte das pedreiras abertas, constatei que uma camada de cacos e destroços de habitações se estendia por todo o terreno, a um metro, pouco menos, da superficie do solo aravel e culti-vado, e que nessa camada abundavam os fragmentos de louça e as pedras, de granito e chisto, de construções demolidas.

Arranquei alguns cacos. Surgiu-me ceramica do-mestica de qualidade e forma varia, mas alguns pe-daços de colo de anfora, misturados com *tegulae*, *imbrices* e tejo-lo, restos de cosinha, ossos de caça, cascas de moluscos, e uma grande extensão de cinzas e carvão, mostraram-me que ali existira um povoado importante e não apenas uma *vila*.

Procedi ao exame topografico do local e abri um inquerito.

O sitio chama-se a *Torre* e dali se teem desen-terrado ha muitos anos louça, ancoras, ferragens, moedas de ouro, prata e cobre, mós, fornos, res-tos de esqueletos humanos, ossos, etc.

Tudo condizia, afinal, com a importancia que a Cacia alguns auctores attribuiam, sem comtudo a inspecionarem e classificarem.

Estava indubitavelmente ali o *ubi* de um *castrum* ou de um *oppidum* dos tempos romanos, possivelmente vindo da epoca lusa, posteriormente romanisado e mais tarde destruido, cujos escassos restos o destino poupou e com que o acaso, esse grande protector dos investigadores, premiou a minha perseverança.

Repeti as visitas ao local, submeti a prova e contraprova algumas das minhas suposições. A conclusão formada na primeira visita radicou-se.

Uma ligeira escavação, fornecia fragmentos de louça variadissima, laminas de cobre ou bronze e ferro, pregos, vidros e ossos de veado cuja presença algumas pessoas por mim inquiridas haviam assinalado já como muito frequentes nos desaterros da Torre.

Cacia, de ha muito considerada como o possivel tumulo de *Talabriga*, e como estação de velharias e ruinas de importancia, não tivera nunca quem a visittasse com os olhos postos nas noticias dos escritores, com os problemas da nossa proto-historia bem patentes e com o conhecimento necessario para classificar os seus restos e os referir ás noticias dos escritores, á analyse do terreno e ás tradições do logar.

Os homens de valor e saber, como o sr. Marques Gomes, que tinham falado em Cacia, nunca infelizmente tinham inspecionado o local nem removido as cinzas que ali se guardavam sob a terra, cinzas dia a dia reduzidas, mas aguardando que alguém as comprehendesse antes que de todo se sumissem.

Quiz a sorte que o menos competente de todos os pesquisadores do passado o fizesse e que fosse,

talvez, o humilde interprete da gloria ou da tragedia desse povoado que tendo presidido, por certo, ao trafego da foz ali proxima, viu um dia as legiões ou as cohortes romanas acamparem no seu arrabalde, como vira galeras mediterraneas ancorarem no remanso das suas aguas e, possivelmente, seculos mais tarde, apavorado, sentiu as hordas barbaras entradas pelo Vouga ainda ali, então, largo e profundo, saltarem pela borda dos seus barcos, businando e gritando ameaços de exterminio e escreverem na sua *ribeira* verdejante a sentença da morte que a prostrou.

O meu merito, porém, em pouco está. Apenas em ir ali e reunir e relacionar referencias de corografos e historiadores, dados geograficos, depoimentos indigenas, noticias de achados varios, examinar os vestigios e conglobar tudo numa sintese: ali existiu, em tempos remotos, ha 2:000 anos, aproximadamente, uma povoação, possivelmente lusitano-romana, que deve ter desempenhado um papel importante na vida maritima e fluvial da foz e margens do Vouga, uma *citania* ou um *castrum*, talvez um *oppidum*, um povoado do genero de Guifões na foz do Leça e Santa Olaia na foz do Mondego, cujo povo pode ter sido vitima de uma batalha sangrenta ou de uma hecatombe de que o *Campo da Matança* proximo conservou a memoria.

E se não foram os barbaros do norte ou os sarracenos que a destruíram, outros barbaros, talvez, mais proximos parentes nossos e a nós mais chegados, a arrasaram em tempos recuados.

A civilização romana, porém, parece não ter sido excedida nem subrepujada: o relógio daquela vida parou quando a cultura romana ali imperava e sem que qualquer outra a substituisse.

E' o que se depreende do espolio até hoje recolhido.

Estas as primeiras impressões que, como de meu dever, me não escusei de transmitir á imprensa, aliaz, com as rezervas necessarias para que se não fosse longe de mais no campo das fantasias e se não confundisse, á sombra da minha boa-vontade, a conjectura e a hipotese, aliaz admissiveis, tantas vezes unica lanterna das descobertas e dos scientistas, com o facto positivo e averiguado pelos documentos coligidos.

* * *

Chamou-se a isto descoberta. Uma descoberta arqueologica. Mais propriamente se deveria dizer que eu constatará a idade luso-romana dos restos archeologicos de Cacia e averiguara que as ruínas que alguns auctores ali mencionaram e que os achados que por ali se faziam, pertenceram a um povoado da velha foz do Vouga desaparecido apoz a dominação de Roma.

Chamemos a isto, de boa mente, um achado archeologico, sem pretensões da minha parte, nem estultas vaidades a que não sou afeito.

Terá o achado de Cacia alguma importancia?

Noutras regiões do paiz, a descoberta não causaria impressão. Ruínas notaveis proto-historicas e luso-romanas encontram-se a miude por esse Portugal fóra, marcando as pégadas dos conquistadores que passaram e dos povos remotos que por aí viveram.

Mas na margem esquerda do baixo Vouga e nos plainos, agras e praias da Beira-Mar, é que até hoje nada se encontrára ou identificára que documentasse

a epoca romana ou provasse a existencia de populações luso-romanas a tanta proximidade do mar.

A'parte a cabeça de Jano do Museu de Aveiro, desenterrada no proprio Convento de Jesus, nem um tejo nem um caco jamais surgiram nesta região, que servissem de pergaminho de antiguidade dos tempos romanos á patria de José Estevão e aos povos que a circundam.

Falou Plinio no *oppidum Talabriga*.

Existiu tambem, segundo outra versão do mesmo classico, o *oppidum Vacca*.

Houve tambem a *civitas Marnele*.

E todos estes tres povoados demoraram pelas proximidades do rio Vouga.

Podemos admitir que *Marnele* e *Vacca* (Vacua, Vagia) tenham sido nos sitios do Marnel e Vouga, entre cujas povoações fica o historico *cabeço* regado pelo sangue dos combatentes de 1828, onde são evidentes os traços romanos e os restos de uma povoação de altura, bem providos de meios de defeza, e onde o exame do terreno não deixa duvidas da sua antiguidade.

Sem necessidade de excavações ali encontrei eu o classico poço e ali recolhi *tegulas* e tejos de molde romano, um *pondus* e mós manuaras de que houve, segundo o meu inquerito, enorme quantidade.

O *Itinerario* de Antonino Pio menciona *Talabriga* que ficava não longe da foz do Vouga sobre a estrada romana que ia de *Aeminium* para *Calem*.

Ora segundo o abalisado e notavel estudo do sr. dr. Felix Alvares Pereira, sobre a *Situação Conjectural de Talabriga*, a velha e heroica cidade da Lusitania, não podia ter existido na margem esquerda do Vouga.

Nas *Origens da Ria de Aveiro*, dissera eu:

«O que é positivo é que a estrada romana passava em **Talabriga** e daí, pela contagem das milhas e pelas deduções tiradas da estratégia militar dos romanos e da localização das **oppida** e **castra**, sempre construídos em alturas defensáveis e naturalmente protegidos pela configuração do terreno, o sr. dr. Alves Pereira se insurge contra a opinião dos que consideravam **Talabriga** uma cidade da região da esquerda do baixo Vouga.

São de valor e peso os seus argumentos.

Os romanos não iriam provavelmente construir a sua grande estrada militar através de terrenos baixos, pantanosos e impraticáveis, que separam Aveiro, Cacia e Eixo, de Canelas, Angeja, Frossos e Loure.

E se aí não existissem emergências, mas um estuário profundo, tanto pior.

Nenhum vestígio existe, porém, ou foi até agora descoberto, de qualquer obra romana nestes sítios, nem mesmo a montante, até ao Marnel e Lamas do Vouga, a não ser que pertença aos romanos a ponte de Almeara de que falaremos adiante.»

Mas agora surge-nos um imprevisto: uma povoação romana e digo, por enquanto, apenas romana, na margem esquerda do baixo Vouga, em Cacia, a seis quilómetros ao norte de Aveiro, debruçada sobre as águas do rio, numa pequena península, ocupando uma posição estratégica favorável á sua defesa, e próximo da foz do Vouga que, ha 1.500 ou 2.000 anos, ali deveria ser ainda profundo e bem franco ás comunicações com o mar.

Não se conhece o *ubi* de *Talabriga* de que Aveiro pretendia descender.

Supõe-se ter existido, pelas ponderosas razões expostas pelo sr. dr. Felix Alves Pereira, na margem direita do Vouga, nas proximidades de Albergaria-a-Nova.

Mas agora aparece-nos Cacia romana, poderíamos dizer já luso-romana, talvez em breve se possa dizer pre-romana romanisada, que nunca os auctores anteriores ao seculo XVI mencionaram.

A surpresa é importante e, com razão, nos impressiona.

O alvoroço que a noticia despertou é, na verdade, bem justificado.

* * *

Mas será *Talabriga*?

A mim mesmo, desde a primeira hora do achado, eu faço essa pergunta e, contudo, nada posso responder.

Cumpre-me confessar, até, que o não creio, tanto me convenceram os argumentos do ilustre academico sr. dr. Alves Pereira, no seu já citado e notavel estudo de 1907, que se seguiu á noticia da ara de Estorãos, erigida em honra de um deus iberico pela devota filha de um talabricense e aparecida numa igreja do Minho.

Mas o problema joga agora com um elemento novo.

E se á primeira vista parece simplificar-se, na verdade o achado de Cacia mais o veio atribular com novos problemas e embaraços.

E' que para se colocar *Talabriga* em Albergaria-

a-Nova, necessario se torna resolver o enigma de Cacia.

Para se localisar a memoravel cidade pre-romana em Cacia, tem de se resolver o problema do *Itinerario* e demonstrar que a via romana de Aeminio para Cale passava na margem esquerda do Vouga.

Albergaria-a-Nova dista muito da foz do Vouga e *Talabriga* ficava perto dela.

Cacia fica na antiga foz do Vouga ou muito proximo dela, mas afasta-se muito do presumido traçado da celebre via romana.

A exumação desta e das suas ramificações, seria talvez a bussola que guiaria o certo rumo.

No estudo da geografia proto-historica da Lusitania e para a descoberta da localisação de *Talabriga*, Cacia romana, porém, é que não pode já deixar de ser tomada em conta e devidamente analisada e ponderada.

BIBLIA

Diz o sr. dr. Felix Alves Pereira que se é certo terem aparecido em algumas minas da região metalifera de entre Vouga e Caima vestigios de antigas laborações, como o sr. dr. Amorim Girão corrobora e o sr. Marques Gomes já referira, «*seria a via fluvial a mais pronta saída do minerio para o comercio externo.*»

E acrescenta:

«*Seria consequente que este trafico determinasse a formação de um povoado á beira-mar ou na enseada interior. A essa gente faltaria, porém, uma cousa, que se lhes tornára tão indispensavel como o pão para a boca: era a segurança pessoal, era o ninho de aguia.*»

Alberto Sampaio não achou Cacia nas «*Povoaos marítimas do norte de Portugal.*»

A descoberta do povoado luso-romano de Cacia é que veio agora comprovar a previsão logica daquele illustre arqueologo, aliaz pessimista quanto á existencia de povoações proto-historicas na região do baixo Vouga. Mas ela lá estava sobre o estuario do Vouga, por onde então as marés subiam sem os embaraços que hoje lhe opõem a cerrada duna costeira e o dedalo das ilhotas da ria e das colmatagens dos fundos e por onde barcos de tonelagem consideravel entravam sem dificuldade.

E se a Cacia proto-historica ou luso-romana faltava a elevação do *Cabeço do Vouga*, ela lá tinha condições excepcionais de defeza proporcionadas pelo lençol de agua profunda que a cercava pelo nascente, norte e poente, sobre o qual se podia erguer a sua muralha a prumo, de dez ou doze metros de alto.

Efectivamente o exame do terreno da estação arqueologica de Cacia mostra-nos que o *castro* ou *oppido* ou a parte fortificada da povoação, porventura o seu bairro mais nobre, assentava numa especie de península sobranceira ao rio e separada das alturas proximas, onde se encontram a igreja e a povoação actual, por uma baixa de terreno, onde poderia ter existido um fosso, hoje arrazada e cultivada.

Alterações profundas tem sofrido o local. Milhares de metros cubicos de pedra britada dali tem saído para as estradas.

Quasi todo o outeiro tem sido revolvido, cortado, desfeito, consideravelmente diminuido, principalmente na sua face do sul.

A pedra das construções foi toda aproveitada nas obras dos logares proximos, no decurso de alguns

seculos. Foi atulhado o poço e outro, de rega, ali se vê. Desfeitas as sepulturas, levados para o cemiterio os seus ossos, lançados na laguna os ferros encontrados.

Mas a posição defensiva tinha valor e não seria facil encontrar-se outra desde Vagos até Eixo que a egualasse em condições de segurança.

No Algarve *Ossonoba* e *Balsa*, diz o sr. dr. Leite de Vasconcelos nas *Religiões da Lusitania*, e cita o sr. dr. Alves Pereira, não demoravam em Outeiros.

Mas *Cacia* luso-romana, demorava na melhor situação que o terreno plaino da margem esquerda do baixo Vouga e da fimbria ocidental da Ria podia oferecer a uma população que aí se quizesse fixar.

E a *Cacia* dos tempos romanos ali deixou os seus restos e ali conserva os seus vestigios.

Referindo-se á conquista de *Talabriga* por Decimo Junio Bruto, em 137 antes de Cristo, descrita por Apiano, diz o sr. dr. Felix Alves Pereira :

«Quando li este trecho de Appiano, confesso que senti amargura por não podermos ir conversar na região do Vouga com as ruinas da cidade onde estes sucessos cruéis se desfiaram, e segredar ás cinzas daquele abrazado patriotismo que o mesmo sentimento que chamejou nesses lusitanos insofridos, ainda se não arrefentará com o soprar sobre elas de vinte vezes cem invernos, e em mais de um dia, já, da nossa existencia nacional, ele se tem ateado em protestos bem tumidos de calor.»

E terminando, diz ainda o sr. dr. Felix Alves Pereira :

«Entrevejo, pois, para a arqueologia portuguesa

este problema: sondar o jazigo de Talabriga, verdadeiro símbolo do nosso sentimento de independencia territorial...»

O problema tem um grande interesse arqueologico, tem uma grande importancia historica, e desperta, ainda, o maior entusiasmo na alma de um vouguense como eu sou e de um português como tanto me preso de ser.

Esse interesse e esse entusiasmo se me dão animo para novas pesquisas e estudos, não me perturbam nem transviam na senda de prudencia, escrupulo e isenção, que um investigador consciencioso e honesto tem de trilhar e de que jamais deve afastar-se.

Pode Cacia ter sido a *Talabriga* da Lusitania pre-romana, mencionada por Apiano. Pode ter sido uma *Lávara*, confusa e nebulosamente apontada por alguns auctores. Pode Cacia ter sido uma das *Talabrigas* da Lusitania romanizada, sem ser mesmo a do Itinerario de Antonino Pio.

Pode Cacia ter sido uma cidade sua vizinha e sua irmã, uma aliada na guerra ou sua rival na prosperidade.

Mas que o não tenha sido, nem por isso, como diz o illustre professor sr dr. Mendes Correia, a estação agora classificada, deixa de ter uma grande importancia sob o ponto de vista arqueologico.

O estudo sobre o assunto está apenas em começo.

Este opusculo é a sua introdução.

Em noticia seguinte entrarei em alguns detalhes, mencionarei a bibliografia sobre o assunto e farei um inventario do espolio recolhido que desde já fica pertencendo ao *Museu Arqueologico e Etno-*

grafico Distrital que a Camara de Aveiro, adoptando a ideia e seguindo a sugestão da minha *Etnografia da Região do Vouga* acaba de criar, proseguindo assim, louvavelmente, na obra de cultura iniciada com a sua excelente *Biblioteca Municipal*.

bib**RIA**